

TERCEIRA (AÇORES). ESTUDO GEOGRÁFICO

Trata-se de mais uma dissertação de doutoramento em Geografia, desta vez defendida na Universidade dos Açores onde o autor, JOSÉ GUILHERME DE CAMPOS FERNANDES, é docente e investigador (1). O júri aprovou-o com a mais alta classificação.

Na moderna Geografia portuguesa consolidou-se já uma tradição de estudos de ilhas. A primeira monografia, escrita em francês, *L'île de Madère*, de ORLANDO RIBEIRO, foi o livro-guia de uma das excursões do Congresso Internacional de Geografia, organizado e realizado em Lisboa, em 1949, logo após o final da 2.ª Guerra Mundial. Desse livrinho acaba de sair, passados trinta e seis anos, a primeira versão em português, em tradução de uma das colaboradoras científicas do Mestre, Dra. MARIA DO ROSÁRIO DE PAIVA RAPOSO, com o título de *A Ilha da Madeira até meados do século XX*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1985. Do mesmo autor seria *A Ilha do Fogo e as suas erupções*, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1954, com uma 2.ª edição em 1960, uma das melhores sínteses geográficas das relações do homem com o espaço rigorosamente delimitado em que lhe é dado viver, além do registo e da interpretação magistrais da erupção de 1951. *A Ilha de S. Miguel. Estudo geográfico*, Lisboa, Instituto de Alta Cultura — Centro de Estudos Geográficos, 1955, serviu para RAQUEL SOEIRO DE BRITO se doutorar na Universidade de Lisboa. Seguiram-se, na década de sessenta, as teses de FRANCISCO TENREIRO, *A Ilha de S. Tomé. Estudo geográfico*, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1961, e de ILÍDIO DO AMARAL, *Santiago de Cabo Verde. A Terra e os Homens*, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1964. Num outro plano de exigências académicas, para actos de licenciatura, quer na Universidade de Lisboa, quer na Universidade de Coimbra, produziram-se mais monografias insulares. De CARLOS ALBERTO MEDEIROS, natural de Ponta Delgada, *A Ilha do Corvo*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, 1966, está em vias de uma segunda edição. Da autoria de seu conterrâneo e colega, ANTÓNIO DE BRUM FERREIRA, é *A Ilha Graciosa*, também editada por aquele Centro, em 1968. Ainda outros geógrafos açorianos se debruçaram sobre as suas ilhas, ou parte delas, como JOÃO MEDEIROS CONSTÂNCIA, EDUÍNO NEVES, MARIA EUGÉNIA MOREIRA LOPES, etc. Não ficaram esquecidas pelos geógrafos nacionais as ilhas do Príncipe, de Moçambique e a parte leste de Timor.

Cabe agora a vez de JOSÉ GUILHERME FERNANDES, nascido em Angola, apresentar um trabalho de fôlego e rigor científicos, próprios de uma dissertação de doutoramento: *Terceira (Açores). Estudo geográfico*. Realça-lhe ainda o valor o facto de terem decorrido as provas da sua

(1) JOSÉ GUILHERME DE CAMPOS FERNANDES — *Terceira (Açores). Estudo geográfico*, Ponta Delgada, 1985, 434 p. dactilografadas e policopiadas + volume com anexos, isto é, Carta Geomorfológica e Carta de Declives; ilustram o trabalho 43 figuras, 75 fotografias, 16 gráficos e 34 quadros estatísticos.

apreciação, tal como foram realizados os trabalhos de investigação científica, no campo e em gabinete, na jovem Universidade dos Açores, da qual é docente desde Outubro de 1976. Oxalá saiba merecer o lugar conquistado entre os doutores do claustro universitário açoriano. Tive o imenso prazer de orientar JOSÉ GUILHERME FERNANDES na sua carreira universitária e, em particular, na elaboração da sua tese. Num momento em que ele vacilava sobre a preferência do estudo geográfico da ilha do Pico, pelas dificuldades de acesso frequente exigido pelo trabalho de campo, propus-lhe a Terceira, a segunda ilha mais importante do arquipélago e de incontestável interesse histórico, que extravasa amplamente os limites mais restritos do conjunto insular. Desde há muito eu trazia o desejo de ver estudada essa ilha por um geógrafo, já que eu próprio não o poderia fazer, como em certa ocasião me sugerira VITORINO NEMÉSIO, esse homem notável e grande Mestre da cultura portuguesa, nascido na ilha. Na altura em que me lançou o desafio, andava eu preocupado com ilhas, sim, mas de natureza muito diferente: os *inselberge* ou montes-ilhas de Angola, quer em ambientes de savana, quer em ambientes de semiaridez. Felizmente, JOSÉ GUILHERME FERNANDES aceitou a proposta e saiu-se bem da tarefa difícil e trabalhosa. Homenagem presto ao espírito de Mestre VITORINO NEMÉSIO, que de Geografia também sabia muito e em páginas magníficas verteu a sua sensibilidade aprimorada dos problemas geográficos. Ao primeiro Reitor da Universidade dos Açores — era então o Instituto Universitário dos Açores —, Prof. Doutor JOSÉ ENES, fiquei a dever os primeiros contactos directos com as ilhas: St.ª Maria, S. Miguel, Faial, Pico e Terceira, pela ordem em que as conheci. Tornei-me colaborador do Instituto, e depois da Universidade, renovado o convite pelo actual Reitor, Prof. Doutor ANTÓNIO MACHADO PIRES.

Entre mim e o recém-doutorado existem coisas que nos aproximam e outras que nos afastam. Sentimos idêntica nostalgia dos vastos espaços angolanos, que calcorreámos separadamente, mas quase nas mesmas direcções, ele como exímio caçador de animais, eu como aplicado captador de imagens fotografáveis. Diferimos na circunstância de eu ter nascido catorze anos mais cedo do que ele, na cidade quadricentenária de Luanda, junto do mar; ele teve por local de nascimento uma cidade de província, no Sudoeste, e viveu a maior parte da sua existência «nas altiplanas *chanas* da Huíla». Entramos a porta da Geografia sendo trabalhadores estudantes, como hoje é moda evidenciar: ele como professor do ensino secundário na sua terra natal, eu como empregado bancário em Lisboa, onde vivia há muitos anos. Estivemos ligados, em momentos diferentes, como é óbvio, aos destinos dos Cursos de Letras da Universidade de Luanda. Acontecimentos bélicos em Angola interromperam os nossos primeiros exercícios de pesquisas científicas para dissertações de doutoramento, em 1961 e em 1975, respectivamente: os meus sobre as grandes unidades do relevo do Noroeste de Angola, entre os rios Loge e Cuanza, os dele sobre formas de ocupação económica do espaço da região de Quilengues, no Sudoeste de Angola. Acabamos por estudar ilhas atlânticas: Santiago, de Cabo Verde, e Terceira, dos Açores.

«Havendo nascido e vivido a maior parte da minha existência nas altiplanas *chanas* da Hufla, local de horizontes que parecem não mais findar, os Açores surgiram-se-me minúsculos, na exiguidade do espaço térreo das suas ilhas, marginalizadas quanto ao Mundo, pelo infinito das profundas águas que as cercam. A insularidade, havia-a já sentido na minha cidade natal, pequeno núcleo só, onde os portugueses ensaiaram uma colonização de base rural. Ali, o isolamento era a vastidão do chão, barreira que os meus avós venciam em lentos carros «boers», mas já minimizada nos meus dias através de uma extensa rede de estradas asfaltadas que uniam o Lubango aos portos litorais e àquelas outras cidades-ilhas do interior planáltico angolano. Por estas razões, a insularidade açoriana, imposta por um meio físico que os homens não habitam, e que mais contribui para os separar que para os unir, mostrou-se com um significado diferente. Proceder ao estudo de uma ilha, conhecer as razões que motivaram o seu povoamento, saber como o homem aqui se fixou, se ambientou e se organizou em sociedade, foi tarefa que me seduziu e à qual haveria de votar tanto entusiasmo e carinho». Assim inicia o Autor a sua dissertação (p. 6 e 8). Uma monografia insular continua a ser, sem dúvida alguma, um exercício excelente para testar a qualidade de geógrafo, a capacidade de apreender as indesmentíveis relações espaciais e temporais do homem com a natureza, ou melhor, do homem com o ambiente. O Autor deu provas de ser um geógrafo.

Em *Terceira (Açores). Estudo geográfico*, as matérias fundamentais distribuem-se por 11 p. de Introdução, cerca de 180 p. de aspectos de geografia física (a geologia e as formas do relevo; o clima e os tipos de tempo), perto de 200 p. de geografia humana (breve quadro histórico da ocupação; as actividades económicas e a sua evolução; a função urbana e o seu significado), mais 12 p. de conclusões e 17 p. de bibliografia. Em Anexo são apresentadas uma Carta Geomorfológica, já impressa, e uma Carta de Declives da ilha, ambas na escala de 1:25.000. Dada agora na forma dactilografada e policopiada, com o escasso número de exemplares que a lei determina, pena será que uma monografia como esta, a única da Terceira, possa vir a correr o risco de ficar condenada a uma difusão demasiado restrita. Faço votos para que a Universidade dos Açores tenha condições financeiras para a sua edição, tirando o Autor partido das críticas que lhe foram feitas pelos arguentes: eu próprio, que me ocupei mais pormenorizadamente da parte de geografia física, e o colega CARLOS ALBERTO MEDEIROS, que examinou mais profundamente a de geografia humana.

Em «O Quadro Natural da Terceira» (p. 12 a 189) são notáveis a reelaboração e a síntese clara de numerosos e importantes conhecimentos sobre a geologia — entendida no seu sentido mais lato, pois abrange a litologia, as estruturas e os dinamismos tectónico-vulcânicos — do Arquipélago, mas sobretudo da ilha Terceira. O Autor acrescentou, aqui e ali, dados originais recolhidos das suas observações do terreno. Ainda que possa parecer relativamente longa a parte dedicada à geologia, também

é difícil concebê-la mais resumida, não fossem escapar alguns dados fundamentais para a compreensão do dinamismo estrutural da ilha, que marca indelevelmente as formas do relevo. Ora, justamente, a explicação da gênese e evolução das formas do relevo constituem capítulos originais e, de certo modo, inovadores, escritos com muita finura por quem domina as técnicas da pesquisa geomorfológica e os modos da apresentação dos resultados de cuidada observação do terreno. Da Carta Geomorfológica na escala de 1:25.000, com cores e sinais convencionais, traçada com a ajuda de documentos cartográficos existentes e de fotografias aéreas estereoscópicas, mas sobretudo com base nas minuciosas pesquisas de campo, merece que venha a ser escrita uma boa Notícia Explicativa para a sua difusão. Estou certo de que, juntamente com a Carta de Declives, interessará aos geógrafos, aos pedólogos, aos geólogos e a outros especialistas das ciências da Natureza. Uns lhes darão merecida atenção, outros procurarão diminuir-lhes o valor; mas, num e noutro caso, permanecerão como documentos de referência que não se poderão ignorar em estudos futuros sobre aspectos da natureza terceirense. Eu próprio gostaria que a Carta Geomorfológica, dada a escala em que foi produzida, contivesse curvas de nível, mais pontos cotados e relações mais quantificadas de fenómenos observados e representados só qualitativamente; preferiria que não tivessem ficado tantos espaços em branco, salvo em casos especiais de construções humanas como, por exemplo, as pistas da base aérea; não teria deixado escapar a ocasião de a subtítular «Primeira aproximação», para deixar bem claro que o documento é passível de modificações de pormenor para melhoramento da representação cartográfica de fenómenos bem complexos, etc. Não obstante estas alusões, a Carta Geomorfológica tem muito merecimento e, nesta altura, é a única do género, de uma ilha dos Açores.

O tratamento das formas do relevo, sob o título geral de «As Grandes Unidades do Relevo», reagrupa-as em o Vulcão dos Cinco Picos, a Caldeira de Guilherme Moniz e a Serra do Morião, o Maciço do Pico Alto, o Maciço de Santa Bárbara, a Serra de Santiago e o *graben* das Lages, as formas do litoral e a drenagem (vales e seus perfis; a drenagem subterrânea); alguns dos pontos são retomados na parte seguinte, dedicada à tentativa de interpretação da gênese da ilha (p. 117-136). Em conjuntos profundamente destruídos pela erosão, como são os casos do Pico Alto e dos Cinco Picos, o autor procurou pacientemente reconstituir os elementos fundamentais dos aparelhos vulcânicos e dar uma visão do que terá sido o trabalho da erosão, por vezes interrompido por efeitos vulcânicos posteriores. O maciço de Santa Bárbara, o mais ocidental da ilha, e também o mais jovem, «um estratocone ainda activo, com perfil truncado e diversificado por domos e escorrências traquíticas surgidas no interior da dupla caldeira e dos flancos externos» (p. 73), mereceu referências de pormenor (p. 73-80) e do maior interesse, reportadas aos fenómenos tectónicos em ligação com o *Rift* da Terceira. Igualmente são de assinalar as excelentes notas sobre o maciço do Pico Alto e a grande caldeira de Guilherme Moniz, claramente expostas, mas deixando ainda muita maté-

ria para futuras pesquisas. Apenas a título de exemplo disto, citam-se os sistemas de ravinas abertas nos depósitos de sopé das vertentes abruptas que marcam o perímetro interior da enorme caldeira, quer pelo lado sul, quer pelo lado em que se faz a ligação da caldeira com o maciço. De modo idêntico nos referimos às páginas dedicadas à drenagem (p. 113-117) que, certamente, o autor virá a retomar com maiores pormenores sobre as vicissitudes de muitos dos cursos de água e da evolução dos vales. O melhor exemplo é o da Ribeira de Aqualva, que nasce no interior leste da primitiva caldeira do Pico Alto e, após um curto e acidentado percurso de cerca de 5 km, desagua na costa norte, a oeste da Vila Nova; «é a que maior regularidade de caudal mantém durante o ano. No entanto, o contraste entre as épocas de caudal máximo (Inverno) e caudal mínimo (Verão) não deixa de ser violento» (p. 116). Não obstante isso, ao longo dela instalaram-se, em épocas passadas, dezenas de azenhas, desde a meia encosta até à foz. Também interessante é o sistema de canais e grutas (túneis lávicos e seus alargamentos), abertos nos derrames basálticos que encheram o fundo da caldeira Guilherme Moniz, por onde correm as águas captadas para o abastecimento da cidade de Angra do Heroísmo. Noutros pontos da ilha encontram-se sistemas subterrâneos análogos, alguns deles explorados por um grupo de espeleólogos terceirenses, que mereciam estudos de pormenor. Para terminar estas referências às formas do relevo, é justo destacar as do litoral, desde as arribas vigorosas às praias, aos cones vulcânicos truncados pela acção do mar, aos escolhos e, sobretudo, aos níveis que hoje estão escalonados a diferentes altitudes. Longe de ter esgotado a matéria, o autor produziu uma boa contribuição, a juntar a outras anteriores, deixadas por outros investigadores. Entre estes merece destaque GÉRARD MOTTET, em dois trabalhos publicados em *Finisterra*, «Observations géomorphologiques à l'île volcanique de Terceira (Açores)», Lisboa, 7(14), 1972, p. 199-255, e «Les tunnels dans les coulées de lave de Terceira», Lisboa, 9(17), p. 111-117.

Incluído na primeira parte, «O Clima e os tipos de tempo» (p. 138-189), com informações também cuidadas, deve muito, no que se refere à interpretação dos fenómenos da atmosfera ligados às situações de tempo, ao magnífico estudo de DENISE DE BRUM FERREIRA, *Contribution à l'étude des vents et de l'humidité dans les îles centrales de l'archipel des Açores*, Lisboa, 1980, 2 volumes (dactilografados e policopiados), que constituiu a sua tese de doutoramento de terceiro ciclo em Universidade francesa. Na primeira parte são apresentados os elementos e factores climáticos, e na segunda as condições dinâmicas do clima dos Açores (situações sinópticas mais frequentes e tipos de tempo, sobretudo da estação seca e da estação quente). Uma vez tratados os relevos (com a geologia) e os tempos (no âmbito do clima), seria de esperar um capítulo sobre os solos e a vegetação. O autor preferiu não fazê-lo, por um lado, por não ter bibliografia especializada em que se apoiar, por outro lado, porque preferiu introduzir as referências adequadas nos capítulos que estão dedicados à vida agrária terceirense.

A segunda parte da tese, com o título geral de «A Geografia humana da ilha» (p. 190-403), assenta nos seguintes temas: breve quadro histórico (descoberta dos Açores, evolução política e administrativa até ao século XIX; povoamento da Terceira, actividades e funções de relação até ao século XIX); a ocupação humana (evolução demográfica, movimentos da população, estrutura etária e população activa; formas de povoamento e habitação rural); as actividades económicas e a sua evolução (actividade agrária, pesca, indústria, comércio e relações com o exterior); a função urbana e o seu significado (Angra do Heroísmo: crescimento e funções; Praia da Vitória e concelho da Praia da Vitória). Muita ilustração gráfica, tal como na primeira parte, enriquece ainda mais a monografia.

As informações são sintéticas, reduzidas ao essencial para a construção dos quadros de ocupação humana da ilha. Percorrendo rapidamente algumas das fontes históricas mais antigas que registam a existência das ilhas açorianas, o achamento das mesmas (entre 1427 e 1439 a maior parte) e o seu povoamento, a Terceira (de Jesus Cristo), como é óbvio, tem tratamento especial, recordado o nome de Jácome de Bruges, a quem é dada a capitania da ilha por carta de 2 de Março de 1450. Suceder-lhe-iam Álvaro Martins Homem (capitania da Praia) e João Vaz Côrte Real (capitania de Angra), sob os quais a Terceira conheceria grande desenvolvimento; rapidamente a vila de Angra adquiriria importância estratégica nas rotas do Atlântico Norte, e no século XVI tornar-se-ia a capital política dos Açores, sede do poder administrativo e militar, do bispado e das relações com o exterior. São recordados os momentos em que Angra acolheu D. António Prior de Crato, no século XVI, D. Afonso VI, no século seguinte, e o papel desempenhado pela cidade em momentos tão críticos do País. Igualmente são postos em evidência os acontecimentos do século XIX, quando se degladiavam em combates sangrentos absolutistas e liberais, e que deram ao Arquipélago, por um curto espaço de tempo, dois governos, um em Angra, favorável a D. Pedro, e outro em Ponta Delgada, defensor dos direitos de D. Miguel. Por carta régia de 12 de Janeiro de 1832 a cidade de Angra viria a ser agraciada com altas condecorações e os títulos de «Heroísmo» e de «sempre constante»; a vila da Praia receberia a denominação de «da Vitória» e o título de «muito notável». A par destes factos o autor procura traçar um quadro geral da evolução económica e social da ilha, com os seus ciclos do trigo e do gado, das tentativas das culturas da cana sacarina e do pastel-dos-tintureiros, de placa giratória de intensa circulação marítima — «a universal escala do mar no poente por todo o mundo onde reside o coração de todas as ilhas», na frase de Gaspar Frutuoso, ao referir-se particularmente a Angra —, de comércio marítimo e actividades relacionadas com a navegação, que não só lhe trouxeram fortuna, mas também graves prejuízos na consequência de repetidos ataques dos piratas e corsários, das culturas do milho americano e do linho, etc. Infelizmente, no século XVIII já a ilha vivia em sérias dificuldades, por terem perdido interesse comercial alguns dos produtos que então produzia e exportava. Nas primeiras décadas do século passado, com o aparecimento dos navios com propulsão a hélice, Angra perdia, a favor de Ponta Delgada e da Horta, a sua posição

privilegiada de base naval no Atlântico Norte. E, finalmente, o estabelecimento do regime liberal em 1832 e a criação, em 1836, de três distritos nos Açores, retirariam a primazia política e administrativa que Angra disfrutava; com isso se acelerou o declínio económico e social da Terceira.

Em «A ocupação humana» (p. 236-292) são apresentados, sucessivamente, aspectos da evolução demográfica (16 000 a 17 000 habitantes em meados do século XVI, isto é, pouco mais de cem anos após o início do povoamento; 71 610 indivíduos em 1960, e 58 935 em Março de 1981, o que significa uma diminuição relativamente importante da população), comparando os valores registados para a ilha com outros referentes ao Arquipélago; de movimentos da população, com realce da emigração, vista com certo pormenor; da estrutura etária, sobretudo com base nos resultados dos recenseamentos de 1950, 1960, 1970 e 1981, relacionados ainda com aspectos anteriormente estudados e, de igual modo, em comparação com os totais globais do Arquipélago e mesmo com os valores de outras ilhas; da população activa, pela sua evolução e pela distribuição sectorial. Alguns erros de cálculo e algumas omissões certamente serão revistas pelo autor quando lhe for possível preparar a edição definitiva do texto. Segue-se ainda o estudo das «Formas de povoamento e habitação rural», subdividido em duas alíneas: «o povoamento», explicado sobretudo por factores como o relevo, a evolução histórica e a estrutura fundiária, com alguns exemplos ilustrativos retirados da *Carta Corográfica*, na escala de 1:50.000, além de um mapa com a distribuição dos grandes núcleos e vias de comunicação; e «a habitação», sobretudo a do tipo rural, com algumas referências à fragilidade das suas estruturas, como ficou provado no sismo de 1 de Janeiro de 1980, com índices elevados de derrocada de casas de habitação.

Na parte seguinte, a que o autor intitulou de «As actividades económicas e a sua evolução» (p. 294-371), estas são tratadas, depois de uma pequena introdução, em grandes grupos: agrárias — a agricultura e a pecuária, formas particulares e produções; pesca — tipos de pesca, espécies pescadas e frota de pesca; indústria — transformadora (alimentar, da pesca e outras); da construção (e, aqui, mais uma vez, são desenvolvidos factos relacionados com as destruições causadas pelo sismo de 1 de Janeiro de 1980); comércio e relações com o exterior (importações e exportações; remessas dos emigrantes; tráfego comercial no aeroporto das Lages, etc.). Muitos quadros estatísticos e gráficos ilustram os textos referentes a cada alínea, escritos com clareza sobre o essencial das actividades económicas. Sobressaem os problemas da insularidade, das estruturas deficientes ou que ainda não existem, das dificuldades da coordenação de planos locais, regionais e nacionais. Um dos melhores exemplos, entre outros, arremata esta parte. A ilha Terceira «irá beneficiar do mais vasto e melhor equipad porto comercial do Arquipélago. No entanto, a Região não tem dimensão económica que justifique o controlo directo de uma frota marítima, por pequena que ela seja, pelo que ficará sempre dependente da eficácia da política global de transportes a nível da Nação» (p. 371).

A penúltima parte da tese é sobre «A Função urbana e o seu significado» (p. 372-403), antes das Conclusões. Compõem-na três alíneas, a primeira dedicada à cidade de Angra (crescimento e funções urbanas), a segunda à Praia da Vitória e a terceira ao concelho do mesmo nome. Será porventura a parte menos bem trabalhada da dissertação, sendo de esperar que o autor retome os temas em textos futuros, mais desenvolvidos e com o interesse que é devido particularmente a essa notável aglomeração urbana que é Angra do Heroísmo. Muito se fala de «tipos de cidades», reportados a um certo padrão cultural, de um povo ou nação. Angra oferece um excelente exemplo de «cidade portuguesa» fora do rectângulo europeu, com as suas ruas e praças, os palácios e igrejas, os ferros forjados dos balcões das janelas, os cunhais de pedra lavrada, etc., que merece bem um estudo de pormenor em geografia urbana, do passado e do presente. É notável a gravura de Jan Huygem van Linschoten, de 1595, reproduzindo com muitos pormenores a planta da cidade e os campos em redor dela. Só esse documento dará matéria para um capítulo de geografia urbana histórica, tendo como objecto de estudo Angra, uma cidade que conheceu momentos de grande glória, que chegou a ser a capital do Reino, ainda que por tempo muito curto, situada numa ilha do Atlântico Norte. Cidade-monumento, como já lhe chamaram, F. CARREIRO DA COSTA, em «Três Cidades Açorianas», *Panorama*, Lisboa, 17, 1966, p. 21-25, a dado passo escreveu a feliz expressão sugerida pelo percurso em ruas de Angra: «temos a impressão de praticar um acto religioso, uma verdadeira peregrinação, tal o encanto, o recolhimento com que percorremos as ruas e visitamos o interior das igrejas e das casas». Em Março de 1981 calculava-se que a cidade tivesse pouco mais de 13 000 habitantes, distribuídos pelas suas quatro paróquias. O sismo do ano anterior destruíra-lhe muitos dos edifícios monumentais. A UNESCO considerá-la-ia como «Património Mundial».

Do longo texto, o autor extrai algumas conclusões gerais (p. 405-417), pondo em destaque o facto de a ilha Terceira ser «terra pequena, vulcânica e nascida no meio do mar. Este, como elemento omnipresente, ... marcou-lhe o clima e definiu-lhe o ecossistema. O homem, aqui chegado há pouco mais de quinhentos anos, preferiu virar-lhe as costas e agarrar-se à terra; assim, tornando-se lavrador, quase ignorou a pesca». Acerca da sua posição estratégica sublinha como, no passado, ela foi vital para apoio e distribuição de «produtos nas rotas comerciais da navegação à vela entre a Europa, as Américas e as Índias. Então a Terceira conheceu era de verdadeiro esplendor que permitiu que Angra se fizesse capital política, administrativa e religiosa do Arquipélago». Mais adiante acrescenta que «na actualidade, esse mesmo factor transformou a ilha num imenso porta-aviões, fixo e inafundável, estrategicamente localizado entre os dois maiores blocos económicos do Mundo». A Terceira oferece assim importantes contrastes, que levaram o Autor a concluir o texto do seguinte modo: «Em curtas palavras e à guisa de conclusão final, parece ser de dizer que a ilha Terceira, naquilo que foi mas que já não é, naquilo

que tem mas que pode ser efêmero e naquilo que possui mas não usufrui, traduz afinal o dilema geográfico que afecta as ilhas» (p. 417).

Bibliografia (p. 418-434), numerosas estampas e outras formas de ilustração enriquecem ainda mais o estudo geográfico da Terceira. Porém, não ficou o conteúdo da ilha esgotado. De modo algum! Apenas para citar um exemplo, recorda-se a existência da importante base americana no nordeste da ilha, com uma população numerosa, que usufrui de todos os confortos «americanos», desde as habitações e seus recheios, aos super-mercados e centros de diversão, ao cinema e televisão em circuito fechado, ao ensino em vários graus, etc., etc., num «mundo» à parte, que pouco tem a ver com o resto da ilha, e cuja entrada só é franqueada a um ou outro terceirense privilegiado. Os mais, que são a maior parte, vêem os americanos passar nos grandes carros de reputadas marcas americanas; são distantes, são outras gentes, do extremo vedado da ilha. Ora bem, em *Terceira. Estudo geográfico*, o tema é vagamente abordado, através de referências pontuais, por motivos óbvios. Porém, quão interessante seria um estudo geográfico dessa sociedade de excepção, na Terceira?!

ILÍDIO DO AMARAL